



“¡Madres! educad bien a vuestros hijos”: entre a
reprodução e subversão de discursos sobre a
maternidade no periódico *La Voz de La Mujer*
(Buenos Aires, 1896-1897)

*“¡Madres! educad bien a vuestros hijos”: between the
reproduction and subversion of discourses about motherhood in
the journal *La Voz de La Mujer* (Buenos Aires, 1896-1897)*

*“¡Madres! educad bien a vuestros hijos”: entre la reproducción y
la subversión de los discursos sobre la maternidad en el periódico
La Voz de La Mujer (Buenos Aires, 1896-1897)*

Gabriela Schwengber [*]

[*] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, mestra em História pela mesma instituição e graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Membro do Grupo de Estudos de História Intelectual e dos Conceitos (GEHIC UFSM) e do Conecte – Práticas e Estudos em Humanidades Digitais (UFSM). E-mail para contato: gabrielaschwengber2@gmail.com.

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo analisar os posicionamentos e discursos em relação à maternidade e infância através das publicações do periódico *La Voz de La Mujer*. O *La Voz de La Mujer* foi produzido e publicado por mulheres anarquistas em Buenos Aires — Argentina, durante os anos de 1896 e 1897. Faz-se necessário considerar que durante o século XIX, a infância e maternidade passaram a ser temáticas privilegiadas pelos saberes e discursos médico-científicos, além de um crescente interesse dos Estados modernos na regulação da sexualidade (em especial, a feminina) e na preocupação em relação à população nacional. Consideramos que, enquanto mulheres de seu tempo, as redatoras reproduziram e também subverteram alguns discursos médico-científicos. A metodologia utilizada para a análise foi a hermenêutica tradicional de fontes históricas, aliados aos cuidados necessários para a utilização de periódicos nas pesquisas históricas.

Palavras-chave: *La Voz de La Mujer*; maternidade; mulheres anarquistas.

Abstract: In this article, our aim is to analyze the positions and discourses regarding motherhood and childhood through the publications of the journal *La Voz de La Mujer*. *La Voz de La Mujer* was produced and published by anarchist women in Buenos Aires — Argentina, during the years 1896 and 1897. It's necessary to consider that during the 19th century, childhood and motherhood became privileged themes within medical-scientific knowledge and discourses, alongside a growing interest from Modern States in regulating sexuality (especially female) and concerns regarding national population. We argue that, as women of their time, the editors reproduced and also subverted some medical-scientific discourses. The methodology used for analysis was traditional hermeneutics of historical sources, paired with careful consideration of using periodicals in historical research.

Keywords: *La Voz de La Mujer*; maternity; anarchist women.

Resumen: En este artículo, nuestro objetivo es analizar las posiciones y discursos en relación con la maternidad y la infancia a través de las publicaciones del periódico *La Voz de La Mujer*. El *La Voz de La Mujer* fue producido y publicado por mujeres anarquistas en Buenos Aires, Argentina, durante los años 1896 y 1897. Es necesario considerar que durante el siglo XIX, la infancia y la maternidad se convirtieron en temas privilegiados dentro de los saberes y discursos médico-científicos, junto con un creciente interés de los Estados modernos en regular la sexualidad (especialmente la femenina) y en preocupaciones relacionadas con la población nacional. Sostenemos que, como mujeres de su tiempo, las redactoras reprodujeron y también subvirtieron algunos discursos médico-científicos. La metodología utilizada para el análisis fue la hermenéutica tradicional de fuentes históricas, junto con las precauciones necesarias para el uso de periódicos en investigaciones históricas.

Palabras clave: *La Voz de La Mujer*; maternidad; mujeres anarquistas.

Apontamentos iniciais

Pesquisadoras(es) latino-americanas(os) têm se voltado às temáticas de gênero e sexualidade no/do movimento anarquista principalmente a partir da década de 1980. Como podemos observar na produção de Miriam Lifchitz Moreira Leite (1984) e Margareth Rago (2001), que se dedicaram na construção de trajetórias de vida e intelectuais das militantes anarquistas Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. Rago também analisou, assim como Isabel Aparecida Bilhão (1996), as relações de gênero e moralidade a respeito da sexualidade no movimento. Já as historiadoras María del Carmen Feijoó e Marcela Nari (1994), e Marisa Elizalde (1998) versaram sobre o contexto argentino e construíram as primeiras análises do periódico *La Voz de La Mujer* — fonte deste trabalho — e que continuam relevantes até hoje.

Na historiografia mais recente e contemporânea, destacamos os trabalhos como os de Samantha Colhado Mendes (2010) e Nicole Angélica Schneider (2022), voltados a analisar as presenças (e também ausências) das mulheres nos periódicos libertários de São Paulo e do Rio Grande do Sul, respectivamente. Já Carlos Gilberto Pereira Dias (2012) analisou as trajetórias de vidas de professoras libertárias que viveram no Rio Grande do Sul, e Thiago Lemas Silva (2017) as reflexões sobre sexualidade e amor da militante Lucía Sánchez Saornil, participante do grupo *Mujeres Libres* da Espanha. Referente ao *La Voz de La Mujer*, enfatizamos a importância das produções de Laura Fernández Cordero (2017) e Ingrid Souza Ladeira de Souza (2019), que se debruçaram sob o impresso, com outros olhares teóricos e logo, análises a respeito do mesmo.

Laura Cordero contribui a pensar a “condição feminina” e sexualidade no anarquismo com os periódicos *La Voz de La Mujer* (Buenos Aires, 1896-1897) e *Nuestra Tribuna* (Buenos Aires, 1922-1925), além de comentar a respeito da experiência da Colônia Cecília (Paraná, 1890-1893). Já Ingrid de Souza, voltou-se à construção do conceito de emancipação nos escritos publicados no *La Voz de*

La Mujer, reforçando-o enquanto experiência feminina do anarquismo, e por sua vez, anticlerical, antiestatal, antipatriarcal e anticapitalista. Considerando isto, pretende-se com este artigo, contribuir (mesmo que de maneira singela) na construção desse mosaico de produções que interseccionam a história do anarquismo, das mulheres e da sexualidade.

O *La Voz de La Mujer* foi publicado em Buenos Aires, na Argentina, entre 08 de janeiro de 1896 e 01 de janeiro de 1897. Durante seu único ano de existência, foram publicados nove números, dos quais, atualmente, possuímos acesso a oito. As responsáveis e produtoras da folha foram um grupo de mulheres anarquistas portenhas, com identidades e trajetórias que continuam nebulosas para a historiografia devido à ausência de outros vestígios históricos e à utilização frequente de pseudônimos para a publicação dos textos, algo comum no(s) movimento(s) anarquista(s), mas que dificulta a possibilidade de identificar e conhecer quem eram essas personagens. Entretanto, pesquisadoras como Molyneux (2018), Cordero (2017), Souza (2018), Nari e Feijóo (1994) concordam que elas eram imigrantes ou filha de imigrantes que viviam na Argentina.

Nas páginas do periódico, elas escreviam e se dedicavam a diversas temáticas, desde as mais amplas do movimento anarquista, como proporem explicações e se oporem à exploração dos burgueses, teciam críticas aos salários baixos, às péssimas condições de trabalho e à injustiça institucionalizada que sofriam — denunciando a relação de juízes e patrões, à Igreja enquanto mecanismo de controle e de ignorância e a oposição às guerras, por exemplo. As redatoras também escreviam sobre acontecimentos e notícias internacionais e nacionais que tratavam a respeito de greves, repressões policiais, novos periódicos ou livros que estavam sendo publicados e, com muita frequência, convidavam a(o) leitor(a) a se unir na luta por uma revolução social.

A inovação do *La Voz de La Mujer* foi inserir de uma maneira mais incisiva a perspectiva das mulheres trabalhadoras e anarquistas no meio periodista e anarquista de Buenos Aires e com isso, conforme pontuado pela historiadora Laura Cordero, essas mulheres “vieram para dizer, em primeira pessoa, ‘sou a oprimida’, e com essa única frase anunciaram algo inesperado: a oprimida fala”¹ (Cordero 2017, 20).

Apresentam, assim, um recorte de gênero no meio anarquista, expondo as vivências e violências específicas que as mulheres sofrem nas ruas e fábricas, como assédios sexuais e morais, as dificuldades financeiras, mas também por seus companheiros de luta e maridos, como a inferiorização intelectual e a sobrecarga com os cuidados reprodutivos (cuidados com a casa, filhos e maridos). Tais

¹ Optou-se por traduzir as referências em espanhol para português, de nossa tradução, a fim de proporcionar uma leitura de maior fluidez. Entretanto, os textos originais constarão nas notas de rodapé. Texto original: “vinieron a decir, en primera persona, ‘soy la oprimida’, y con esa sola frase anunciaron algo inesperado: la oprimida habla” (Cordero 2017, 20).

posicionamentos obtiveram respostas negativas e positivas do movimento anarquista de Buenos Aires, que já possuía uma trajetória de organização.

As pesquisadoras Laura Cordero (2007 e 2017) e Ingrid Souza (2018) traçaram as influências e possíveis inspirações para o início da publicação do *La Voz de La Mujer*. Segundo elas, as primeiras publicações portenhas que possuíam enquanto enfoque o público e as demandas femininas ocorreram a partir de 1884 e 1885. O primeiro periódico a publicar a respeito foi o *La Lucha Obrera* que publicou o panfleto *La Mujer* (Souza 2018, 25), apesar de historiadoras(es) não conseguirem estipular com maior precisão as temáticas abordadas. Posteriormente, houve a publicação de “uma série de folhetos denominados *Propaganda Anarquista entre las Mujeres*, divididos em quatro e escritos por duas mulheres e um homem, os textos comprometiam-se com questões dirigidas para as mulheres” (Souza 2018, 25), pelo periódico *La Questione Sociale*. Logo, o debate a respeito do gênero feminino estava se desenvolvendo e não era consenso entre os libertários os posicionamentos sobre temáticas como a emancipação feminina, os lugares e tarefas que as mulheres deveriam (ou não) executar — seja na organização do movimento anarquista, na sociedade e em seus lares.

Para além do movimento libertário, é imprescindível considerar o contexto do Estado argentino neste recorte temporal, que passava por um processo de modernização e preocupava-se com o progresso e, posteriormente, com a construção de uma identidade nacional e o futuro da Nação — que, por sua vez, era inspirada nos moldes eurocêntricos. Entretanto, a composição étnica da Argentina não encontrava os padrões desejados por essa elite estatal, afinal o país, assim como o Brasil, utilizou de mão de obra de pessoas negras escravizadas, abolindo a escravidão a qualquer escravizado(a) que adentrasse o território em 1860; havia a presença de grupos indígenas pelo território, principalmente nas regiões mais interioranas; bem como uma *elite criolla*, de argentinos de ascendência espanhola.

Desta forma, podemos observar políticas estatais incidindo sobre essas características da população, como as *Campanhas do Deserto* (1878-1884), para aumentar o controle sob o território, aumentar as estradas de ferro, dizimar e capturar indígenas, aliada a *Ley de Inmigración* (1876), para fomentar a vinda de imigrantes europeus. Assim ocorreria o branqueamento da população, não apenas no fenótipo, mas também culturalmente, em que a imigração europeia seria o elemento “chave não apenas pelos braços que contribuía, mas também pelos ensinamentos de economia, ordem e moralidade que introduziria”² (Fernández 2017, 59). Tais concepções eram marcadas pelo eurocentrismo e eugenia: acreditavam que a partir da branquitude europeia se atingiria o progresso e expansão econômica. Assim, estima-se que no ano de 1895, um ano antes do início das publicações

² Texto original: “clave no sólo por los brazos que aportaba sino por las enseñanzas de economía, orden y moralidad que introduciría” (Fernández 2017, 59).

do periódico *La Voz de La Mujer*, as e os imigrantes compunham 25% da população total na Argentina (Devoto 2003, 49), e o movimento anarquista é frequentemente indicado enquanto uma consequência das ondas migratórias da Europa.

No entanto, algumas décadas mais tarde, a multiplicidade étnica-cultural, a organização e manutenção de aspectos culturais por parte dos diferentes grupos de imigrantes, a chegada de exilados políticos da Europa e o fortalecimento de movimentos sociais, mudaram esse panorama. Então, a imigração passou a ser um problema a ser enfrentado, chamado de “questão nacional”. Enquanto resposta a essas instabilidades foi proposto o “uso de uma pedagogia cívica intensa a partir da escola pública” (Devoto 1999, 41), com a prioridade do ensino de História da Argentina, visando construir uma identidade nacional mais homogênea possível. A narrativa historiográfica — o uso do termo no singular, afinal, tratava-se da narrativa única e oficial — seria utilizada para demarcar a trajetória da Nação, delimitando os espaços de diferentes etnias, nacionalidades e imigrantes no panorama da identidade nacional.

Conforme coloca a pesquisadora Gabriela Pellegrino Soares (2003), a partir de 1870 passaram a existir políticas educacionais na Argentina, propostas por Domingo Sarmiento para ir “contra uma Argentina ‘ignorante e inóspita’, [...] [e] ergueu as bandeiras do fortalecimento das instituições públicas, da difusão das Luzes, da modernização econômica, do desenvolvimento das cidades” (Soares 2003, 136). Os debates que ocorreram em relação a esta temática levaram à promulgação de alguns preceitos normativos, como a *Ley n° 419*, que criou a *Comisión Protectora de Bibliotecas Populares* (1870), propondo formas de fomento e investindo fundos às bibliotecas, e a *Ley n° 1420 de Educación Común* (1884) que estipulou a educação gratuita, universal e laica para a população. Logo, foi através da educação que objetivou-se integrar e desenvolver um sentimento de pertencimento daqueles(as) que migraram para a Argentina e que compunham e construíram o futuro da Nação.

Em tal narrativa, também eram estipulados papéis de gênero para homens e mulheres imigrantes, brancos e, agora, letrados. O papel a ser exercido pelos homens imigrantes era enquanto força de trabalho — seja nos perímetros urbanos ou os que foram para áreas interioranas e rurais da Argentina. Mas “as chaves da masculinidade popular” também estavam na “[...] defesa dos valores institucionais como a família e a nação”³ (Durán 2017, 34), questão que os homens anarquistas desafiavam ao se oporem ao patriotismo e se organizarem num movimento que visava a dissolução das estruturas sociais e econômicas como estavam postas.

³ Texto original: “las claves de la masculinidad popular” estavam na “defensa de los valores institucionales como la familia y la nación” (Durán 2017, 34).

Já para as mulheres imigrantes européias cabia o trabalho reprodutivo: gerar descendentes e trabalhar na manutenção da vida familiar, com o cuidado dos filhos e do marido. Conforme escreve Mirta Lobato, este contexto “vai se associar a uma ideia mais nacionalista, no sentido de que, se ela cuida da família e dos filhos, também está cuidando da Nação”⁴ (Lobato 2010, 7), pois pelas concepções do período, seria através da “saúde de sua raça” que a Nação seria forte e poderosa.

Tal análise é reafirmada pela pesquisadora Marisa Miranda, que concorda que a “mulher passou a ser a principal responsável pela saúde da descendência, e além da saúde de sua própria prole, teria também a responsabilidade pela saúde presente e futura de um coletivo futuro e incerto, chamado raça, pátria ou nação”⁵ (Miranda 2019, 158). A partir do estabelecimento desta relação entre o cuidado à prole e à Nação, as mulheres foram alvos privilegiados de discursos e saberes médico-científicos, conforme nos deteremos ao longo deste artigo.

No que concerne aos aspectos metodológicos, utilizamos a hermenêutica tradicional de análise de fontes históricas, realizando uma análise interna (linguagem e construção do discurso) e externa (contexto histórico, autorias, etc.) do documento. Aliado com os cuidados necessários para a utilização de periódicos como fontes históricas, que conforme a pesquisadora Tania Regina de Luca (2005) há a necessidade de compreender o impresso no seu contexto da produção, traçar as(os) redatoras(res) responsáveis, o público alvo, as temáticas abordadas, a organização, categorias e gêneros textuais presentes ao longo das edições, a utilização (ou não) de figuras e imagens, além de aspectos dos materiais utilizados em sua produção.

Sendo assim, este artigo apresenta mais três subseções: em *Sexualidade feminina, maternidade e o Estado argentino nos fins do século XIX* nos deteremos a compreender a ascensão de discursos e saberes sobre a maternidade e infância, além do papel do Estado moderno argentino e seu interesse no controle da sexualidade feminina e delimitar papéis de gênero. Em *As libertárias do La Voz de La Mujer: entre a reprodução e subversão*, dedicada para a análise dos posicionamentos em relação à maternidade na folha, relacionando-os com os discursos médico-científicos do recorte temporal. Por fim, nos *Apontamentos finais* organizamos e apresentamos de forma sintetizada as considerações desenvolvidas.

Sexualidade feminina, maternidade e o Estado argentino nos fins do século XIX

⁴ Texto original: “va a ir asociando con una idea más nacionalista, en el sentido de que si cuida de la familia y de los hijos también está cuidando de la Nación. Porque por la salud de su raza la Nación va a ser fuerte y poderosa. Ese discurso que ya está a fines del siglo XIX y principios del XX” (Lobato 2010, 7).

⁵ Texto original: “la mujer pasó a ser la principal responsable de la salud de la descendencia, y, además de la de “su” progenie tendría también a su cargo la salud presente y futura de un colectivo futuro e incierto, llamado raza, patria o nación” (Miranda 2019, 158).

No decorrer dos séculos XVIII e XIX foram intensificadas as preocupações e discursos em relação à maternidade e infância, conforme destaca a pesquisadora Elisabeth Badinter (1980). Isto ocorreu devido ao crescimento das taxas de mortalidade e abandono infantil, e do interesse econômico e produtivo que o Estado possuía para a preservação do futuro da Nação, ou seja, de sua mão de obra.

Michel Foucault, ao debruçar-se sobre a *História da Sexualidade* (1988, 119), escreveu a respeito do desenvolvimento das formas de vigilância da sexualidade e dos corpos dos indivíduos no decorrer dos séculos XVIII e XIX, e como estavam atreladas a aspectos econômicos, pois era necessário manter uma mão-de-obra num contexto de crescimento industrial. Esse controle e normatividade poderia dar-se através da escola, das políticas habitacionais e de higiene pública, e outras instituições sociais, justamente pela compreensão que a “sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população” (Foucault 1999, 300).

Assim, houve a construção dos discursos médico-científicos e a disseminação de novas práticas referentes à sexualidade e maternidade, que construíram uma “aliança privilegiada” com as mães que “adquiriram rapidamente uma considerável importância no seio da família e fizeram da mãe a sua interlocutora, sua assistente, sua enfermeira e sua executiva” (Badinter 1980, 209-210), reforçando ainda mais o cuidado dos filhos enquanto uma responsabilidade e apenas da “natureza feminina”. Essa interlocução, segundo Margareth Rago (1985), influenciou na construção de um novo modelo de relações familiares e de feminilidade, que destinou à mulher o lugar da “esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada [...]” (Rago 1985, 62).

No caso argentino, tais questões passaram a se tornar preocupações na segunda metade do século XIX, com o crescimento do número de crianças ilegítimas — que implicava no aumento dos índices de abandono, das taxas de mortalidade infantil e do aumento de crianças encarceradas por não possuírem moradia. Segundo a pesquisadora Donna Guy (1994), o abandono infantil na Argentina aumentou após o ano de 1883, “quando, pela primeira vez, em um período de um ano, mais de 500 crianças foram deixadas na Casa de Expósitos da cidade. Em seis anos, o número tinha dobrado”⁶ (Guy 1994, 217), ou seja, formava-se um aglomerado de crianças abandonadas, que precisavam ser destinadas às instituições, garantindo sua sobrevivência e disciplinamento.

As Casas de Expósitos são um exemplo de instituições responsáveis por receber crianças abandonadas, especificamente aquelas de relações ilegítimas pois havia uma diferença nos tratamentos sociais dados às crianças órfãs para as ilegítimas, que justamente por serem concebidas

⁶ Texto original: “se agudizó de manera importante después del año 1883, cuando por primera vez en el lapso de un año, más de 500 criaturas fueron dejadas en la Casa de Expósitos de la ciudad. En seis años el número se había duplicado” (Guy 1994, 217). Donna Guy ao levantar hipóteses sobre os motivos de tais taxas, propõe a relação com os fluxos imigratórios, pois os(as) imigrantes chegavam na Argentina em condições financeiras instáveis, o que “levou milhares a retornar a cada ano para seus lugares de origem” (Guy 1994, 217), sem a perspectiva de quando e se voltariam.

fora do casamento sofriam do julgamento da moralidade cristã (Moreno 2000, 664-665). Estas instituições durante muito tempo estavam sob responsabilidades da Igreja, mas os Estados modernos passaram a geri-las, estabelecendo “uma política destinada ao controle social dos pobres e de seu disciplinamento laboral”⁷ (Moreno 2000, 665). E o desenvolvimento de tal controle das camadas populares⁸ e sobre as taxas de abandono infantil, perpassava pela maternidade — aí a relevância dos discursos e estabelecimento de parâmetros e normas do que é ser uma “mãe adequada”, pois quando “começaram a ensinar às futuras mães como cuidar de seus filhos, [...], a responsabilidade das próprias mães de manter filhos saudáveis”⁹ (Guy 1994, 223-224).

A lógica no debate sobre a maternidade, é que o Estado, os homens da elite e médicos higienistas, ao compreenderem que “deveria ser usada como um agente construtor e ‘purificador’, a sociedade, então, tinha que entendê-la melhor, controlá-la a colocar em um contexto racional” (Ruggiero 1994, 235). Tais esforços podem ser percebidos na publicação do *Libro de las Madres: pequeño tratado práctico de higiene del niño con indicaciones sobre el embarazo, parto y tratamiento de los accidentes*, publicado originalmente em 1899 por Gregorio Aráoz Alfaro¹⁰.

A publicação visava educar as mães e disseminar as informações sobre higiene infantil para “‘uso das mães, conveniência dos filhos e benefícios das nações que desejam ser fortes e saudáveis’. E aludindo ao ditado que diz que ‘a mãe que não cria o filho, quando pode, é apenas meia mãe’” (Miranda 2019, 160). Ou seja, reforçava a ligação entre o maternar e a Nação, além de estabelecer um julgamento moral sob aquelas mulheres que não criavam seus filhos, sem levar em consideração quaisquer realidades econômicas e sociais.

É importante ressaltar que, apesar do livro ter ocorrido alguns anos depois do período de publicação do *La Voz de La Mujer*, consideramos a publicação enquanto uma manifestação do contexto linguístico e registro de debates que circulavam na Argentina durante as últimas décadas do século XIX. Desta forma, consideramos que as redatoras do periódico anarquista já eram perpassadas por discursos similares ao publicado em 1899.

⁷ Texto original: “una política destinada al control social de los pobres y a su disciplinamiento laboral” (Moreno 2000, 665).

⁸ Há outros exemplos de controle através de questões de saúde pública, que tinham enquanto enfoque as camadas populares e suas moradias (os *conventillos*), principalmente a partir da década de 1880, quando houve a criação de uma série de órgãos de saúde lideradas por médicos, como: o Departamento Nacional da Higiene (1880), a Assistência Pública (1883), o Corpo de Desinfetadores Públicos (1883), Escritório Químico (1883), Escritório de Registro de Residência (1883) e o Código Sanitário (1891) (Sánchez e Amuchástegui, 2015) e (Durán, 2017). A criação destes setores contou com a contribuição direta de médicos, tais como Guillermo Rawson e Ramos Mejía.

⁹ Texto original: “comenzaron a enseñar a futuras madres cómo cuidar a sus hijos, y a través de ello, la responsabilidad de las propias madres de mantener hijos saludables” (Guy 1994, 223-224).

¹⁰ Gregorio Aráoz Alfaro (1870-1955) foi um médico graduado pela Universidad de Buenos Aires (1892), escritor do *Libro de las Madres* (1899) e responsável pela criação da *Sociedad Argentina de Pediatría* (1911) (Miranda 2019, 158-160).

Também devemos considerar que ao disseminar discursos referentes às mulheres e o papel de maternar, há também discursos referentes àquelas que não cumpriam as normas de gênero esperadas, como as prostitutas, por exemplo. Na ótica dos discursos médicos e criminológicos, as meretrizes possuíam enquanto características o que, “ao contrário da mulher honesta e pura, vive em função da satisfação de seus desejos libidinosos e devassos. [...] Antítese da esposa honesta” (Rago 1985, 89) e da “boa mãe”. Elas foram alvo de teorias sobre a degeneração psíquica e moral (Durán 2017, 34) e sofreram até mesmo com internações forçadas.

Diante desse contexto, nos debruçaremos nos escritos do *La Voz de La Mujer* para analisar as reproduções e subversões que as redatoras elaboraram a respeito de tais discursos.

As libertárias do *La Voz de La Mujer*: entre a reprodução e subversão

Ao longo das oito edições que possuímos acesso do periódico *La Voz de La Mujer*, os tópicos da maternidade, infância e criação das crianças aparecem, na maioria das vezes, de forma transversal. Assim, as temáticas se fazem presentes em textos a respeito da exploração ou das condições de vidas dos(as) trabalhadores(as) enquanto mais uma das injustiças que vivenciam (a dificuldade de sustentar a prole e família), e ainda naqueles em que pautam a necessidade de uma revolução social, convidando as mulheres e mães a participarem do movimento anarquista, para transformar a realidade. De qualquer forma, após a leitura das edições e o fichamento por temáticas, abordaremos alguns trechos, embora não seja possível, nem nossa intenção, esgotar as passagens que abordam os assuntos.

No decorrer das páginas do periódico anarquista, podemos perceber essa valorização da infância, do cuidado aos filhos, e um forte apelo de um afeto maternal. Como no trecho a seguir, que podemos observar essa questão:

estou pensando nos vossos inocentes pequeninos, nas vossas queridas crianças. Quanto vocês os amam, não é? Como são inocentes e belos! Que inefáveis alegrias as carícias deles, os beijos e as infantis graças lhes proporcionam! Que felicidade é ser mãe! Que imensa aventura há em poder abraçar contra nosso seio esse pequeno ser a quem, por não termos em nosso idioma mesquinho frase mais expressiva, chamamos filho! Flores, pássaros e crianças, possuir e possuir o doce e inesquecível objeto de um perdido e inesquecível amor, aí está toda a felicidade que eu buscava no mundo! Doce e triste é para mim ver a juventude nascendo, ou seja, a infância. A visão de uma criança alegre meu coração por um momento, pois amo a infância, mas também não posso ver uma criança sem que meu coração se aperte e eu o sinta dolorido, inchado de amargura. (*La Voz de La Mujer*, 14 nov. 1896, n. 8, 6)¹¹.

¹¹ Optamos por traduzir os trechos do periódico, para facilitar a leitura. Entretanto, a forma original e a referência constará nas notas de rodapé. Todas as traduções são nossas. Texto original: “estoy pensando en vuestros inocentes pequeñuelos, en vuestros queridos niños. ¿Cuánto los amáis, verdad? ¡Cuán inocentes y hermosos son! ¡Qué inefables goces os producen sus caricias, sus besos e infantiles gracias! ¡Qué dicha es ser madre! ¡Qué inmensa ventura hay en poder estrechar contra nuestro seno a ese pequeño ser a quien por no tener en nuestro idioma mezquino frase más expresiva, llamamos hijo! ¡Flores, pájaros y niños, poseeros y poseer el dulce e inolvidable objeto de un perdido e inolvidable amor, he ahí toda cuanta felicidad buscara yo en el mundo! Dulce y triste es para mí el ver la juventud naciente, es decir la

Apesar de apresentarem o modelo de feminilidade muito afetiva em relação aos filhos, reproduzindo, em alguma medida os discursos em circulação, as redatoras trazem um contraponto: como a maternidade para as mulheres trabalhadoras também era carregada de receio e tristeza, pela instabilidade financeira e logo, na incerteza sobre quais condições de vidas suas crianças teriam acesso. Além disso, recorrem à afetividade como ponto inicial para o desenvolvimento de argumentos, pois a partir desse amor incondicional pelas crianças, também abordam as dores de uma infância difícil e com sofrimentos.

As condições de vida das crianças e famílias das camadas populares, ou melhor, a falta delas, foi bastante registrada nas folhas pelas anarquistas:

Verás también a miséria implacável, terrível, ameaçadora, invadir os casebres do pobre proletário; os filhinhos nus e com o rosto macilento pedindo com voz lastimosa e angelical: ‘pão! mamãe, me dá pão, que estou com muita fome!’ Rasgando assim o coração das mães que já choram por seus maridos, irmãos ou parentes, que homens infames e de sentimentos sombrios, em nome de uma lei iníqua, arrancam de seus lares para que vão se destroçar nos campos de batalha (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 9)¹².

Neste trecho, podemos notar como utilizam de estratégias de redação para aproximar os(as) leitores(as) do contexto que escrevem a respeito, ao colocar possíveis falas de crianças no texto. As anarquistas também mencionam a ausência das figuras masculinas da família, que ao lermos o texto na íntegra, refere-se ao alistamento no exército e a obrigatoriedade de ir para conflitos e guerras. Em passagens como estas, notamos que as redatoras percebem as dinâmicas utilizadas pelo Estado, em que há uma utilidade dos corpos dos seus maridos e de seus filhos em conflitos bélicos, para proteger a Nação. E conforme escreve a pesquisadora Mónica Quijada (2000), o exército foi uma das instituições que visavam os filhos de imigrantes para a compor.

Além da utilização de seus filhos nos exércitos, as libertárias também problematizaram o encarceramento vivenciado principalmente por homens dos movimentos de trabalhadores:

Agora, mães de família, dizei-nos: de que vos serve ter trabalhado tantíssimos anos para criar vossos filhos, se essa miserável canalha os encerra em vis prisões ou os envia para morrer nos campos de Cuba ou da Abissínia? Estudai, mulheres, e ajudai-nos nesta luta empreendida contra a burguesia e as

infancia. La vista de un niño regocija mi corazón por un momento, porque amo la niñez, mas no puedo tampoco ver un niño sin que mi corazón se oprima y lo sienta dolorido, hinchado de amargura” (*La Voz de La Mujer*, 14 nov. 1896, n. 8, 6).

¹² Texto original: “Veréis también la miseria implacable, terrible, amenazadora, invadir los tugurios del pobre proletario; los hijitos desnudos y con el rostro demacrado pidiendo con lastimera y angelical voz ‘¡pan! ¡mamá dame pan, que tengo mucha hambre!’ desgarrando de esta manera el corazón de las madres que ya lloran a sus esposos, hermanos o parientes, que hombres infames y de negros sentimientos, en nombre de una ley inicua, arrancan de sus hogares para que vayan a destrozarse en los campos de batalla” (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 9).

preocupações sociais (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 9)¹³.

Para as redatoras do *La Voz de La Mujer*, seria através do estudo da sociedade, numa perspectiva dos(as) trabalhadores(as) e anarquistas, que estava a possibilidade de transformação social. Logo, ao estudarem para além da educação nacional e narrativas da Igreja, seriam mulheres mais cultas e conscientes e criariam seus filhos da mesma forma — o que se configura, em certa medida, enquanto uma reprodução dos discursos médicos-higienistas, de uma lógica que é necessário educar as mães para assim, educar os filhos. Entretanto, a subversão de encontra justamente no posicionamento político dessas mulheres, que buscavam a educação para a revolução social.

No que concerne ao acesso dessas mulheres aos médicos, saúde e ciência, considerando que elas pertenciam às camadas populares e eram priorizadas nos discursos, há algumas menções diretas a respeito:

Você não tem pão para seus filhos pequenos. Sim, entendemos, eles estão doentes e você não tem como curá-los. Ah! Pobre mãe, para você não existem os avanços da ciência, para você não há remédios eficazes, nem doutores sábios, você não tem dinheiro e, portanto, para você não há nada; você está sozinha, completamente sozinha e isolada no mundo (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 5-6)¹⁴.

Logo, mesmo com a construção do vínculo entre médicos higienistas e mães, o acesso às informações, às consultas médicas e à qualidade de vida infantil ainda eram restritos às camadas mais abastadas. Pois os custos para manter a família e crianças eram altos, dessa forma, as libertárias questionavam: “vocês não sabem quantas despesas um filho acarreta? Parteira, médico, remédios, dieta, cuidados e depois a amamentação; como eu faria, agora que ambos trabalhamos, mal nos é possível sobreviver, como faria então, quando as despesas aumentassem e as receitas diminuíssem?” (*La Voz de La Mujer*. 08 jan. 1896, n. 1, 8)¹⁵.

Aqui, há a reafirmação da escritora enquanto uma trabalhadora, ao mencionar que “ambos trabalham”. Ainda precisamos considerar que apesar das mulheres estarem presentes nas relações de trabalho neste recorte temporal e espacial, elas ainda desempenhavam ocupações considerados “feminizado[s] e de baixa qualificação, podendo receber salários inferiores aos de seus colegas de

¹³ Texto original: “Ahora, madres de familia, decidnos; ¿de qué os vale haber trabajado tantísimos años para criar vuestros hijos, si esa miserable canalla os los encierra en viles prisiones, u os los envía a morir en los campos de Cuba o la Abisinia? Estudiad, mujeres, y ayudadnos a nosotras en esta lucha emprendida contra la burguesía y las preocupaciones sociales” (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 9).

¹⁴ Texto original: “no tienes pan para tus tiernos hijos. Sí, lo comprendemos, están enfermos y no tienes con qué curarlos. ¡Ah! pobre madre, para ti no existen los adelantos de la ciencia, para ti no hay los eficaces remedios, ni sabios Doctores, tú no tienes dinero y por lo tanto para ti no hay nada; estás sola, completamente sola y aislada en el mundo” (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, p. 5-6).

¹⁵ Texto original: “no saben ustedes cuántos gastos ocasiona un hijo? Partera, médico, medicamentos, dieta, cuidados, y luego la lactancia; ¿cómo haría yo que hoy que trabajamos los dos, apenas nos es dado vivir, cómo haría entonces, cuando los gastos aumentasen y las entradas disminuyesen?” (*La Voz de La Mujer*, 08 jan. 1896, n. 1, p. 8).

trabalho”¹⁶ (Mitidieri 2022, 45). Logo, as mulheres enfrentavam dificuldades econômicas de forma ainda mais agravada, em que muitas delas se ocupavam nos *servícios domésticos*, ou seja, aqueles desempenhados em ou nos domicílios, como a costura, por exemplo.

Outro ponto a destacar no trecho acima, é o desamparo relatado pelas mulheres que são mães, pois apesar da crescente preocupação com a infância na sociedade, as mulheres constam nos textos como as principais, se não as únicas, responsáveis pelo cuidado e criação das crianças. Aqui, devemos estabelecer um recorte de gênero em relação ao cuidado reprodutivo/às crianças, pois os homens receberam um “tratamento diferencial em relação a sexualidade masculina, muito mais desassociada da obrigatoriedade da reprodução”¹⁷ (Miranda 2019, 158). Além disso, os discursos e normas do período referentes ao cuidado e à infância, foram direcionados exclusivamente às mulheres e é possível notar, ao longo das páginas do *La Voz de La Mujer*, que os homens enquanto pais são raríssimas vezes mencionados. É assim que “estabelece-se que certos ‘cuidados’ com o filho são naturais da mulher. [E] Por outro lado, o sustento familiar repousa no pai-trabalhador”¹⁸ (Vázquez et al. 2019, 66).

As publicações que foram direcionadas aos mesmos, referiam-se a situações de tomadas de decisões, enquanto chefes de família. É o caso do trecho a seguir, no qual argumentam os motivos que os “pais de família” não deveriam enviar seus filhos(as) para a Igreja,

Pais de famílias que têm filhos, nunca os enviem para esses antros de ignorância e depravação, não enviem seus filhos ao confessionário porque esses infames buscarão corrompê-los e fazê-los servir de pasto para suas paixões lascivas. [...] Uma família mandou suas duas filhas, meninas muito pequenas, para a igreja de San Ponciano, e um dia o bandido de batina as levou e as levou para uma cela e ali as estuprou. As meninas estavam em estado grave e ele estava desesperado para salvá-las, os pais acionaram a polícia; Não sei se o padre foi preso. O que a Voz da Igreja diz sobre isso? O que diz o clero? O que diz a sociedade burguesa? Bem, nada, como se nada tivesse acontecido. Pais, alerta contra esses mercadores de carne humana (*La Voz de La Mujer*, 20 fev. 1896, n. 3, 6)¹⁹.

As redatoras buscavam alertas aos pais, pois compreendiam que as mulheres ainda estavam mais suscetíveis a ceder aos discursos e recomendações dadas pela Igreja.

¹⁶ Texto original: “feminizado[s] y de baja calificación, que podía recibir salarios inferiores a los de sus compañeros de taller” (Mitidieri 2022, 45).

¹⁷ Texto original: “tratamiento diferencial para con la sexualidad masculina, bastante más disociada de la obrigatoriedad de la reproducción” (Miranda 2019, 158).

¹⁸ Texto original: “aparece la tensión mujer-trabajadora y mujer-madre. Por un lado, se establece que ciertos ‘cuidados’ del hijo son naturales de la mujer, [...] Por otro lado, el sustento familiar descansa en el padre-trabajador” (Vázquez et al. 2019, 66).

¹⁹ Texto original: “Padres de familias que tenéis hijos, no los mandéis jamás a esos antros de ignorancia y depravación, no mandéis a vuestros hijos al confesionario porque esos infames buscarán de corromperlos y hacerlos servir de pasto para sus lúbricas pasiones. [...] Una familia mandaba a sus dos hijas, niñas de cortísima edad, a la iglesia de San Ponciano, y el bandido de sotana un día las tomó y las llevó a una celda y allí las violó. as niñas se encontraban en un estado grave y se desesperaba de salvarlas, los padres dieron aviso a la policía; no sé si el cura ha sido arrestado. ¿Qué dice de esto la Voz de la Iglesia? ¿qué dice el clero? ¿qué dice la sociedad burguesa? Pues nada, como si nada hubiera pasado. Padres de familia, alerta contra esos mercaderes de carne humana” (*La Voz de La Mujer*, 20 fev. 1896, n. 3, 6).

Um dos poucos textos publicados focado especificamente na temática da maternidade foi intitulado *¡Madres, educad bien a vuestros hijos!*, e está presente na quinta edição da folha. Neste, as libertárias abordam diversas lições que uma mãe anarquista e com consciência social deveria ensinar a suas crianças. Entre estes ensinamentos, deveriam constar que:

Aquele dinheiro repugnante se vende ao pai, à mãe, ao amigo e ao irmão; que pelo dinheiro os trabalhadores são transformados em animais de carga e em máquinas automáticas que se movem por impulso dos que as dirigem, e, enfim, ensinaí-lhes que pelo maldito dinheiro sofremos fome, miséria e todo tipo de privações. Não os ensine a acreditar em Deus; ensine-lhes que a religião é a atrofia da mente, tanto dos homens como das mulheres e, portanto, é o que impede o desenvolvimento do progresso; mostre-lhes que a religião é contrária às leis naturais, que ela é o símbolo da ignorância e da depravação, e, por fim, que a religião é uma farsa inventada para que não vejamos além de nossos narizes e para que nos entreguemos amarrados de pés e mãos, como mansos cordeiros, aos nossos exploradores e tiranos. Nunca inculquem neles sentimentos de pátria; façam com que compreendam que a natureza não fez fronteiras e que, portanto, somos todos irmãos; ensinem-lhes. [...] Temos raciocínio, conhecemos as ciências (mesmo que apenas de nome, porque na realidade...), falamos sobre educação e moral, mas, em contrapartida, não temos liberdade, estamos divididos em duas classes completamente antagônicas e nos destruimos (coisa que não fazem entre si os animais da mesma espécie) pior do que as feras; nos atormentamos mutuamente, em suma, que apesar de ter uso da razão, nos colocamos em uma situação pior do que a dos próprios animais a quem damos o nome de feras (¿?). **Pois bem: se vocês, oh mães, concordarem com as teorias aqui desenvolvidas (que acredito que o farão, porque essa época seria o reinado da harmonia e do bem-estar geral), ensinem a seus filhos os ideais redentores do Comunismo Anárquico**, que nos proporcionará a verdadeira Liberdade, Igualdade e Fraternidade. [...] **Mães! Ensinaí todas essas verdades aos vossos filhos, pois entendei que as crianças de hoje serão os homens de amanhã** (*La Voz de La Mujer*, 15 mai. 1896, n. 5, 3-4, grifo nosso)²⁰.

A partir deste texto, percebemos a preocupação em relação à educação e criação das crianças pela compreensão de que serão o futuro da sociedade, o que se assemelha aos discursos referentes ao “futuro da Nação argentina”. O aspecto subversivo é não educar numa ótica de utilidade e projeção de Nação, mas sim, propor ensinamentos libertários para a construção de uma nova humanidade e, assim, uma nova sociedade.

²⁰ Texto original: “por ese asqueroso dinero se vende al padre, a la madre, al amigo y al hermano; que por el dinero los trabajadores se ven convertidos en animales de carga y en máquinas automáticas que se mueven a impulso de los que las dirigen y, en fin, enseñadles que por el maldito dinero sufrimos hambre, miseria y toda clase de privaciones. No les enseñéis a creer en Dios; enseñadles que la religión es la atrofia de la mente, tanto de los hombres como de las mujeres y por lo tanto es la que impide el desarrollo del progreso; demostradles que la religión es contraria a las leyes naturales, que ella es el símbolo de la ignorancia y de la depravación, y, por fin, que la religión es una farsa que han inventado para que no viéramos más allá de nuestras narices y para que nos entreguemos atados de pies y manos, cual mansos corderos, a nuestros explotadores y tiranos. No les inculquéis jamás los sentimientos de la patria; hacedles comprender que la naturaleza no hizo frontera y que por tanto todos somos hermanos; enseñadles. [...] Nosotros tenemos raciocinio, conocemos las ciencias (aunque no sea más que de nombre, porque en realidad...), hablamos de educación y de moral, pero en cambio no tenemos libertad, estamos divididos en dos clases completamente antagónicas y nos destruamos (cosa que no hacen entre sí los animales de una misma especie) peor que las fieras; nos martirizamos los unos a los otros, en fin, que a pesar de tener uso de razón nos colocamos nosotros mismos en una situación peor que la de los mismos animales a quienes damos el nombre de fieras (¿?). **Ahora bien: si vosotras ¡oh madres! estáis conformes con las teorías aquí desarrolladas (que creo lo estaréis, porque esa época sería el reinado de la armonía y del bienestar general) enseñad a vuestros hijos los redentores ideales del Comunismo Anárquico** que es el que nos ha de proporcionar la verdadera Libertad, Igualdad y Fraternidad. [...] **¡Madres! Enseñad todas estas verdades a vuestros hijos, porque tened entendido que los niños de hoy serán los hombres del mañana**” (*La Voz de La Mujer*, 15 mai. 1896, n. 5, 3-4, grifo nosso).

Com a frase “mães, eduquem seus filhos”, podemos considerar que a responsabilidade pela educação moral e ética da prole eram delegadas exclusivamente às mães, além do suprimento de suas necessidades básicas. Desta forma, concordamos com as pesquisadoras Verónica Norando e Ludmila Scheinkman, ao perceberem que a “função da mulher em casa é questionada, mas com limites marcados: não se questiona nem o seu papel na criação das crianças, nem a distribuição de tarefas no lar”. (Norando e Scheinkman 2012, 177)

Há poucas passagens, mas ainda presentes, em que ocorre um tensionamento a respeito da centralidade do papel das mulheres de ter e educar os(as) filhos(as). Como um caso comentado pelas redatoras, de um conflito entre um Duque europeu e sua esposa:

Aquele duque de Württemberg que respondeu aos conselhos que sua esposa se atreveu a lhe dar sobre se deveria ou não entrar em guerra com a Suábia: ‘Senhora, a tomamos para ter filhos e não para dar conselhos’, formou um diagnóstico perfeito da doença que afligia a sociedade, apontando como consequência fatal que essa forma de pensar do homem e esse modo vicioso de agir não poderiam contribuir para o progresso [...] (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 7)²¹.

As anarquistas compreendem este diálogo enquanto muito representativo do lugar destinado às mulheres na sociedade: enquanto reprodutoras. Aqui, lançamos a hipótese de que o problema visto pelas redatoras não é de desempenharem um lugar central na reprodução, mas de serem restringidas a **apenas** isso. Afinal, a crítica da inferiorização intelectual das mulheres está presente no periódico de forma enfática, pois conforme escreviam, tinham enquanto objetivo demonstrar que “não somos tão fracas e inúteis como acreditam, ou como aqueles que negociam com nossos trabalhos e corpos querem nos fazer crer” (*La Voz de La Mujer*, 27 de março de 1896, n. 4, 4)²². Conforme podemos observar, elas consideravam este tipo de pensamento “uma dificuldade ao progresso”, um discurso muito disseminado no período.

Em outro momento, na segunda edição publicada, ao se revoltarem em relação aos companheiros anarquistas que não as apoiaram na publicação do periódico e na organização pela emancipação feminina, elas escreveram: “oh, falsos anarquistas!, que vocês entendam de uma vez por todas que **nossa missão não se resume a criar seus filhos e lavar a sujeira de vocês, que nós também temos o direito de nos emancipar e ser livres de toda forma de tutela, seja social,**

²¹ Texto original: “Aquel duque de Wurtemberg que contestó a los consejos que se atrevió a darle su mujer sobre si debía o no empeñarse en una guerra con la Suavia: ‘Señora, hemos tomado a Ud. para tener hijos y no para dar consejos’, formaron perfecto diagnóstico de la dolencia que padecía la sociedad, señalando como consecuencia fatal que ese modo de pensar del hombre y ese vicioso modo de obrar no podían dar al progreso [...]” (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 7).

²² Texto original: “no somos tan débiles e inútiles como creen o nos quieren hacer creer los que comercian con nuestros trabajos y nuestros cuerpos” (*La Voz de La Mujer*, 27 de março de 1896, n. 4, 4).

econômica ou conjugal” (*La Voz de La Mujer*, 31 jan. 1896, n. 2, 1, grifo nosso)²³. Aqui, é possível percebermos que ocorre um posicionamento afrontoso e direto, negando que suas únicas ocupações se restringiriam aos papéis de gênero atribuídos às mulheres no período.

Em relação aos filhos ilegítimos, questão que abordamos anteriormente, no *La Voz de La Mujer* há o relato de uma jovem que se apaixona e, mesmo não casada, dá a luz a uma criança. Ao longo do texto, num estilo similar a uma carta de confissão, ela conta sua trajetória para sua mãe:

Amei e fui amada, sim, fui amada, e é por isso que, apesar de sua vigilância, apesar de seu cuidado, me entreguei nos braços do objeto de meu amor. Eu não era casada, sabia disso, mas não sabia que sem essa exigência não se pode amar. [...] ‘Querida mãe, eu tenho uma menina, uma filha, entendeu? A que eu amo como você me amou, como as mães amam e convencida de que com meu trabalho eu nunca poderia ganhar o suficiente para cuidar dela e atender as minhas necessidades; pela parcimônia dos salários, decidi vender meu corpo... não amaldiçoe minha mãe quando souber que o corpo de sua filha, esse corpo que você cuidou com tanto cuidado, não será de agora nada além de carne que é vendida por peso (*La Voz de La Mujer*, 18 out. 1896, n. 7, 7)²⁴.

E decorrente dos baixos salários e poucas ocupações laborais disponíveis, a jovem recorre a prostituição enquanto forma de sobreviver. Faz-se relevante ressaltar que a prostituição nos discursos médico-higienistas era considerada enquanto vício, problema hereditário e desvio moral (Rago 1985). Ao traçarem as características das mulheres prostitutas, “na visão dos médicos, é a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer. A prostituta é aquela que, ao contrário da mulher honesta e pura, vive em função da satisfação de seus desejos libidinosos e devassos” (Rago 1985, 89).

Entretanto, as mulheres anarquistas do *La Voz de La Mujer* se opunham a esta narrativa:

vós, burgueses, atribuíis à prostituição a origem do vício e da corrupção de um certo número de indivíduos de ambos os sexos; e afirmam que se estes não tivessem nascido, a prostituição não existiria. Existem uma quantidade de indivíduos que exploram a prostituição, utilizando qualquer meio para levar a vítima ao abismo; essa especulação tornou-se atualmente como todas as outras. [...] É assim, Senhores Burgueses! Não é o vício ou a corrupção a origem da prostituição, mas sim o vosso regime infame e as vossas iniquidades. Vocês, Burgueses, são a causa! Mantendo a mulher na ignorância e na crença da sua fraqueza, ditando leis prejudiciais à mulher, fazendo o povo inconsciente acreditar que o sexo feminino é inferior ao masculino, portanto, vocês a educaram de acordo com a vossa vontade e conveniência (*La Voz de La Mujer*, 08 jan. 1896, n. 1, 6-7)²⁵.

²³ Texto original: “¡falsos anarquistas!, que comprendáis una vez por todas que **nuestra misión no se reduce a criar vuestros hijos y lavaros la roña**, que nosotras **también tenemos derecho a emanciparnos y ser libres de toda clase de tutelaje, ya sea social, económico o marital**” (*La Voz de La Mujer*, 31 jan. 1896, n. 2, 1, grifo nosso).

²⁴ Texto original: “Amaba y era amada, sí, era amada, y es por esto que a pesar de tu vigilancia, a pesar de tus cuidados me entregué en brazos del objeto de mi amor. No era casada, bien lo sabía, mas yo ignoraba que sin ese requisito no se podía amar. [...] Madre querida, tengo una niña, una hija, ¿comprendes? A la que amo como tú me amabas a mí, como aman las madres y convencida de que con mi trabajo jamás podría ganar lo suficiente para criarla y atender a mis necesidades; a causa de lo mezquino de los salarios, he tomado la resolución de vender mi cuerpo... no maldigas madre mía al saber que el cuerpo de tu hija, este cuerpo que tú has cuidado con tanto esmero, no será de hoy en adelante otra cosa que carne que se vende al peso” (*La Voz de La Mujer*, 18 out. 1896, n. 7, 7).

²⁵ Texto original: “Davanti a questo spettacolo, voialtri borghesi, attribuite la prostituzione, origine del vizio e della corruzione di un certo numero di individui d’ambo i sessi; e affermate che se questi non fossero nati, la prostituzione non esisterebbe. Vi sono una quantità di individui che esercitano sulla prostituzione, servendosi di qualunque sia mezzo, per tirare la vittima nell’abisso; essendo questa speculazione divenuta attualmente come tutte le altre. [...] É così, Signori

Logo, para elas, havia um recorte de classe, no qual a prostituição era uma alternativa em contextos de muita necessidade às mulheres, que sendo as principais (ou únicas) responsáveis pela criação dos filhos, possuíam maiores dificuldades de serem empregadas, e ainda recebiam salários mais baixos. Desta forma, quando escreviam para e sobre as prostitutas, as redatoras do periódico referiam-se a elas enquanto “mulheres caídas”, que mereciam ser respeitadas:

Jamais ultrajem a mulher caída. Quando ela passa ao meu lado, não posso deixar de levar a mão ao meu peito e, afastando-me, admirá-la: ela é a mártir da sociedade. Pobre mulher! Eu a imagino ainda criança, lá no modesto, mas limpo berço, espreitar por entre os panos do mesmo, seu rosto corado e angelical. Ao seu lado, sua jovem e terna mãe, que carinhosa e complacente, cuida, cheia de amor, por aquele botão de rosa, por aquela primeira manifestação de seus amores. Como ambas são belas! (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 8)²⁶.

É possível notar a intersecção de alguns dos discursos que abordamos anteriormente, como a romantização do amor materno e a “natureza feminina” para cuidar da prole. No entanto, em alguma medida, as anarquistas procuraram problematizar a realidade em que viviam e prestaram solidariedade para aquelas que não encontraram outras formas de manutenção financeira, num recorte temporal extremamente moralizante em relação às trabalhadoras sexuais.

Apontamentos finais

Ao longo deste artigo analisamos a ascensão dos discursos médico-científicos, especialmente aqueles ligados à maternidade e à infância, enquanto respostas de uma preocupação estatal em relação às taxas de abandono e mortalidade infantil no fim do século XIX na Argentina. Neste sentido, as redatoras do *La Voz de La Mujer* enquanto mulheres brancas, imigrantes e letradas, foram alvos destas intervenções, atravessadas e constituídas por tais discursos. Conforme podemos notar, na maioria das passagens, ao abordarem as temáticas da infância e maternidade, elas reproduziram os discursos do período. Seja através da romantização da infância e maternidade, da necessidade de “educar bem” as crianças pois seriam o futuro da sociedade, ou da compreensão do cuidado em relação à prole enquanto uma responsabilidade quase exclusiva das mulheres, que estabeleceu que “certos ‘cuidados’

Borghesi! Non é il vizio o la corruzione l'origine della prostituzione, se non altro il vostro infame regime e le vostre iniquità. Voi Borghesi siete la causa! Mantenendo la donna nell'ignoranza e nella credenza della sua debolezza, dettando leggi no cive alla donna, facendo credere al popolo incosciente che il sesso Femminile é inferiore all'uomo, per conseguenza, l'avete educata secondo la vostra volontà e convenienza” (*La Voz de La Mujer*, 08 jan. 1896, n. 1, 6-7).

²⁶ Texto original: “Jamás ultrajéis a la mujer caída. Cuando pasa por mi lado no puedo menos que llevar la mano a mi pecho y, haciéndome a un lado, admirarla: ella es la mártir de la sociedad. ¡Pobre mujer! Yo me la imagino niña aún, allá en la modesta pero limpia cunita, asomar por entre los lienzos de la misma, su sonrosada y angelical carita. A su lado su joven y tierna madre, que cariñosa y complaciente, vela, llena de amor, por aquel botón de rosa, por aquella primera manifestación de sus amores. ¡Cuán bellas ambas!” (*La Voz de La Mujer*, 27 mar. 1896, n. 4, 8).

do filho são naturais da mulher, [...]. [E] Por outro lado, o sustento familiar repousa no pai-trabalhador”²⁷ (Vázquez et al. 2019, 66)

Entretanto, por vezes, elas subverteram os discursos ao defender uma educação voltada ao anarco-comunismo, opondo-se à Igreja, ao exército e a preocupação com a Nação. Além disso, rejeitaram os discursos que estipularam a prostituição enquanto um vício e desvio moral, e não consideraram o trabalho reprodutivo, o cuidado dos filhos, marido e lar, enquanto a única atividade possível para as mulheres.

Referências Bibliográficas

Badinter, Elizabeth. 1980. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Barrancos, Dora. 1990. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Contrapunto.

Bilhão, Isabel Aparecida. Família e movimento operário: A anarquia dentro de casa. *Estudos Ibero-Americanos* XXII, 2 (1996): 195-210.

Cordero, Laura Fernández. 2017. *Amor y anarquismo: experiencias pioneras que pensaron y ejercieron la libertad sexual*. Buenos Aires: Ed. Siglo Veintiuno.

Devoto, Fernando J. 1999. Imigração europeia e identidade Nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914). In: *Fazer a América*, organizado por Boris Fausto, 33-60. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Dias, Carlos Gilberto Pereira. 2012. *Costurando vidas: os itinerários de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56506/000860532.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Durán, Manuel. 2017. Sexualidad, producción y trabajo en el discurso higienista y eugenésico en Chile y Argentina, 1860-1930. *Nomadías* 23: 31-52. <https://nomadias.uchile.cl/index.php/NO/article/view/47334/49376>.

Elizalde, Marisa. La voz de la mujer. Periódico comunista-anárquico 1896-1897. 1998. *Anclajes — Revista del Instituto de Análisis Semiótico del Discurso II* 2: 109-112.

Feijóo, M, C; Nari, M. M. 1994. Imaginando el lector/la lectora de La Voz de La Mujer. In: *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*, organizado por Lea Fletcher, 276-284. Buenos Aires: Editora Feminaria.

²⁷ Texto original: “ciertos “cuidados” del hijo son naturales de la mujer, [...] Por otro lado, el sustento familiar descansa en el padre-trabajador” (Vázquez et al. 2019, 66).

Foucault, Michel. 1999. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Traduzido por Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes

Foucault, Michel. 1988. *História da Sexualidade I — A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Guy, Donna. 1994. Niños abandonados en Buenos Aires (1880 - 1914) y el desarrollo del concepto de la madre. In: *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*, organizado por Lea Fletcher, 217-226. Buenos Aires: Editora Feminaria.

Leite, Míriam Lifchitz Moreira. 1984. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Editora Ática.

Luca, Tânia Regina de. 2005. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky, 111-153. São Paulo: Contexto.

Mendes, Samanta Colhado. *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930*. 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, SP. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1be7ef83-38f1-4144-a26c-379c24dc9b4f/content>

Mitidieri, Gabriela. 2022. ‘Un autómata de fierro’: máquinas de coser, ropa hecha y experiencias de trabajo en la ciudad de Buenos Aires en la segunda mitad del siglo XIX”. *Historia Crítica* 1 (85): 27-49. <https://doi.org/10.7440/histcrit85.2022.02>.

Miranda, Marisa Adriana. 2019. Maternidad y biopolítica en la Argentina: Gregorio Aráoz Alfaro, El Libro de las Madres y la eugenia (1870-1955). *Passagens — Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* 11 (2): 156-176.

Molyneux, Maxine. 2018. Apresentação. Ni Dios, ni Patrón, ni Marido. Feminismo Anarquista en la Argentina del siglo XIX. In: *La Voz de La Mujer: Periódico Comunista-Anárquico*, organizado por Virginia Bolten. Bernal: Ediciones UNQ. <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>.

Moreno, José Luis. 2000. El delgado hilo de la vida: los niños expósitos de Buenos Aires. *Revista de Indias* 60 (220): 663-685. <https://doi.org/10.3989/revindias.2000.i220.503>

Norando, Verónica e Scheinkman, Ludmila. 2012. “Hasteadas de tanto y tanto llanto y miseria..., de ser el juguete, el objeto de los placeres de los infames explotadores”. Visibilizando a las mujeres proletarias. *Historia Regional* (30): 167-190.

Quijada, Mónica. 2000. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. *Revista de Indias* 60 (219): 373-394.

Rago, Margareth. 1985. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Rago, Margareth. 2001. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp.

Ruggiero, Kristin. 1994. Honor, maternidad y el disciplinamiento de las mujeres: infanticidio en el Buenos Aires de finales del siglo XIX. In: *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*, organizado por Lea Fletcher, 227-235. Buenos Aires: Editora Feminaria.

Amuchástegui, Rodrigo e Sánchez, Sandra Inés. 2015. Biopolítica en el espacio doméstico de la ciudad de Buenos Aires en perspectiva histórica. *Revista Invi* 30 (85): 23-82.

Schneider, Nicole Angélica. 2022. “E eu, anarquia, que sou tua filha fiel e dedicada estou de braços abertos para receber”: mulheres no Movimento Anarquista do Rio Grande do Sul (1889-1930). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26321/DIS_PPGHIST%c3%93RIA_2022_SCHNEIDER%20_NICOLE.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Silva, Thiago Lemos. 2017. Sexualidade, amor e moral no anarquismo espanhol: reflexões a partir de Lucía Sánchez Saornil. *Revista Alpha* 18 (1): 86-99.

Souza, Ingrid Souza Ladeira de. 2019. “Salimos a la lucha...sin Dios y sin jefe”. *O periódico La Voz de la Mujer como experiência feminina do anarquismo na Argentina. (1896-1897)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Souza, Ingrid Souza Ladeira de. 2018. O anticlericalismo e a luta feminina anarquista: La Voz de la Mujer como estudo de caso (Buenos Aires, 1896-1897). *Pergaminho* 9: 27-44.

Soares, Gabriela Pellegrino. 2003. Conformando uma Argentina leitora: educação pública, bibliotecas e mercado editorial entre fins do século XIX e meados do século XX. *História* 22 (2): 133-150.

Teitelbaum, Vanesa. 1998. La prédica higienista en la construcción de una imagen de la maternidad en Tucumán, Argentina, a fines del siglo XIX y comienzos del XX. *Papeles de Población* 4 (16): 185-200.

Vázquez, Daniel; Abbate, Daniela; Gardonio, Silviana; Maiarú, María José. 2019. De mujeres y barbarie: Representaciones de otredad y género en el Río de la Plata del siglo XIX. *X Jornadas Internacionales/Nacionales de historia, arte y política*. Facultad de Arte UNICEN, Tandil, p. 45-72.

Fontes

La Voz de La Mujer (1896-1897). Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas, disponível em: <https://americalee.cedinci.org/portfolio-items/la-voz-de-la-mujer/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

La Voz de La Mujer, 31 jan. 1896, 2. Universidad Nacional de Quilmes — Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes. Disponível em:

<http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>. Acesso em: 10 jan. 2023.

La Voz de La Mujer, 20 fev. 1896, 3. Universidad Nacional de Quilmes — Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes. Disponível em: <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>. Acesso em: 10 jan. 2023.

La Voz de La Mujer, 27 mar. 1896, 4. Universidad Nacional de Quilmes — Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes. Disponível em: <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>. Acesso em: 10 jan. 2023.

La Voz de La Mujer, 15 mai. 1896, 5. Universidad Nacional de Quilmes — Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes. Disponível em: <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>. Acesso em: 10 jan. 2023.

La Voz de La Mujer, 14 nov. 1896, 8. Universidad Nacional de Quilmes — Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes. Disponível em: <http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/2240>. Acesso em: 10 jan. 2023.